

Sugestões para se trabalhar o tema Carnaval

1. HISTÓRIA DO CARNAVAL

Claudia M. de Assis Rocha Lima
Pesquisadora

ORIGEM DO CARNAVAL

Dez mil anos antes de Cristo, homens, mulheres e crianças se reuniam no verão com os rostos mascarados e os corpos pintados para espantar os demônios da má colheita. As origens do **carnaval** têm sido buscadas nas mais antigas celebrações da humanidade, tais como as Festas Egípcias que homenageavam a deusa Isis e ao Touro Apis. Os gregos festejavam com grandiosidade nas Festas Lupercais e Saturnais a celebração da volta da primavera, que simbolizava o Renascer da Natureza. Mas num ponto todos concordavam, as grandes festas com o **carnaval** estão associadas a fenômenos astronômicos e a ciclos naturais. O **carnaval** se caracteriza por festas, divertimentos públicos, bailes de máscaras e manifestações folclóricas. Na Europa, os mais famosos **carnavais** foram ou são: os de Paris, Veneza, Munique e Roma, seguidos de Nápoles, Florença e Nice.

CARNAVAL NO BRASIL

O **carnaval** foi chamado de **Entrudo** por influência dos portugueses da Ilha da Madeira, Açores e Cabo Verde, que trouxeram a brincadeira de loucas correrias, mela-mela de farinha, água com limão, no ano de 1723, surgindo depois as batalhas de confetes e serpentinas. No Brasil o carnaval é festejado tradicionalmente no sábado, domingo, segunda e terça-feira anteriores aos quarentas dias que vão da quarta-feira de cinzas ao domingo de Páscoa. Na Bahia é comemorado também na quinta-feira da terceira semana da Quaresma, mudando de nome para **Micareta**. Esta festa deu origem a várias outras em estados do Nordeste, todas com características baiana, com a presença indispensável dos Trios Elétricos e são realizadas no decorrer do ano; em Fortaleza realiza-se o **Fortal**, em Natal, o **Carnata**, em João Pessoa, **Micarora**, em Campina Grande, **Micarandê** em Maceió, **Carnaval Fest** em Caruaru, o **Micarú**, em Recife, o **Recifolia**, etc.

CARNAVAL NO RECIFE

Século XVII- De acordo com as antigas tradições, mais ou menos em fins do século XVII, existiam as **Companhias de Carregadores de Água** e **Companhias de Carregadores de Mercadorias**, companhias geralmente se reuniam para estabelecer acordo no modo de realizar alguns festejos, principalmente para a **Festa de Reis**. Esta massa de trabalhadores era constituída, em sua maioria, de pessoas da raça negra, livres ou escravos, que suspendiam suas tarefas a partir do dia anterior à festa de Reis. Reuniam-se cedo, formando **cortejos** que consistia de caixões de madeira carregados pelo grupo festejante e, sentado sobre ele uma pessoa conduzindo uma bandeira. Caminhavam improvisando cantigas em ritmo de marcha, e os foguetes eram ouvidos em grande parte da cidade.

Século XVIII- Os **Maracatus de Baque Virado** ou **Maracatus de Nação Africana** surgiram particularmente a partir do século XVIII. Melo Moraes Filho, escritor do século passado, no seu livro "Festas e Tradições Populares", descreve **uma Coroação de um Rei Negro** em 1742. Pereira da Costa, à página 215 do seu livro, "Folk Lore Pernambucano", transcreve um documento relativo à coroação do primeiro **Rei do Congo** realizada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, da Paróquia da Boa Vista, na cidade do Recife. Os primeiros registros destas cerimônias de coroação, datam da segunda metade deste século nos adros das igrejas do Recife, Olinda, Igarassu e Itamaracá, no estado e Pernambuco, promovidas pelas irmandades de NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS e de SÃO BENEDITO.

Século XIX- Depois da abolição da escravatura, em 1888, os patrões e autoridades da época permitiram que surgissem as primeiras **agremiações carnavalescas**, formadas por operários urbanos nos antigos bairros comerciais. Supõe-se que as festas dos Reis Magos serviu de inspiração para a animação **carnaval recifense**. De acordo com informações de pessoas antigas que participaram desses carnavais, possivelmente o primeiro clube que apareceu foi o dos **Caiadores**. Sua sede ficava na Rua do Bom Jesus e foi fundador, entre outros, um português de nome Antônio Valente. Na terça-feira de carnaval à tarde o clube comparecia à Matriz de São José, tocando uma linda marcha carnavalesca e os sócios levando nas mãos baldes, latas de tinta, escadinhas e varas com pincéis, subiam os degraus da igreja e caiavam (pintavam), simbolicamente. Outros Clubes existiam no bairro do Recife: **Xaxadores, Canequinhas Japonesas, Marujos do Ocidente e Toureiros de Santo Antônio**.

Século XX- O **carnaval do Recife** era composto de diversas sociedades carnavalescas e recreativas, entre todas destacava-se o **Clube Internacional**, chamado clube dos ricos, tinha sua sede na Rua da Aurora, no Palácio das Águias. A **Tuna Portuguesa**, hoje **Clube Português**, tinha sua sede na Rua do Imperador. A **Charanga do Recife**, sociedade musical e recreativa, com sede na Avenida Marquês de Olinda. A **Recreativa Juventude**, agremiação que reunia em seus salões a mocidade do bairro de São José. O **carnaval** do início deste século era realizado nas ruas da **Concórdia, Imperatriz e Nova**, onde desfilavam **papangus e máscaras de fronha** (são rendadas enfiadas na cabeça e saias da cintura para baixo e outra por sobre os ombros), esses mascarados sempre se apresentavam em grupos. Nesses tempos, o Recife não conhecia eletricidade, a iluminação pública **lampiões** queimando gás carbônico. O **transportes** nos dias de carnaval vinham superlotados dos subúrbios para a cidade. As linhas eram feitas pelos **trens** da Great Western e Trilhos Urbanos do Recife, chamados **maxa bombas** que traziam os foliões da Várzea, Dois Irmãos, Arraial, Beberibe e Olinda. A companhia de Ferro **Cabões**

puxados a burro traziam foliões de Afogados, Madalena e Encruzilhada. Os clubes que se apresentaram entre 1904 e 1912 foram os seguintes: **Cavalheiros de Satanás, Caras Duras, Filhos da Candinha e U.R.M** último criado como pilhéria aos homens que não tinham mais virilidade.

O Corso - Percorria o seguinte itinerário: **Praça da Faculdade de Direito** indo pela **Rua do Hospício** seguindo pela **Rua da Imperatriz, Rua Nova, Rua do Imperador, Princesa Isabel** e parando, finalmente na **Praça da Faculdade**. O curso era composto de carros puxados a cavalo com **cabriolé, aranha, charrete** e outros. A brincadeira no curso era **confete e serpentina, água com limão e bisnagas com água perfumada**. Também havia caminhões e carroças puxadas a cavalo e bem ornamentadas, rapazes e moças tocavam e cantavam marchas da época dando alegre musicalidade ao evento. **Fanfarras** contratadas pelas famílias, desfilavam em lindos carros alegóricos.

2. historia para ser contada, dramatizada ou em fantoche

Entra o Joãozinho cantarolando: “Atrás do trio elétrico só não vai quem já morreu...”

Neste momento o Zeca entram também e fala êpa Joãozinho a música está errada o certo é que fosse assim: “Atrás do trio elétrico também vai quem já “morreu”...”

Joãozinho: Como assim quem já morreu? pergunta o Joãozinho.

Zeca: É isso mesmo Joãozinho as pessoas quando morrem vão para a pátria espiritual e lá continuam “vivas”. Nós espíritas devemos nesta época de carnaval ter muito cuidado com nossas atitudes.

Joãozinho: Como assim? a festa de carnaval não é uma festa popular onde podemos fazer de tudo?

Zeca: Aí que está o problema você sabe o que significa a palavra “Carnaval”?

Joãozinho: Eu não

Zeca: A palavra foi composta com a primeira sílaba das palavras “CARNE NADA **VALE**”. Écho que por esse motivo as pessoas se entregam a loucura algumas bebem até cair, outras ficam sem dormir as três noites, existem aqueles que usam drogas, etc. E Quando isso acontece tem os irmãos que não aceitaram a morte do corpo físico que ficam perto das pessoas que não estão numa boa sintonia e ficam perturbando seus pensamentos.

Joãozinho: Sabe Zeca eu nunca tinha pensando assim. A partir de agora vou aproveitar os dias de carnaval para ficar com a família ou para participar de algum retiro onde nestes dias falaremos de Deus, de Jesus e aproveitaremos para pedir a ELES que abençoem nosso planeta.

Zeca: Vou contar uma história que se passou na Escola de Samba “Meninos de Itaboraí”. Enquanto todos exibiam alegria no semblante e agilidade nos pés, sob o ritmo contagiante, um menino de sete anos, de nome Chiquinho, olhava entristecido a sarabanda do ensaio. Era um pretinho de olhos aveludados, filho de Mestre André, o melhor compositor da escola. Sereno e alegre, André era uma alma boa e desprendida, casado com Jacira, uma mulata de largo sorriso e arteira na máquina de costura, orientando as ajudantes na confecção de fantasias, elaborando ela mesma os desenhos das roupas que cada ala deveria usar.

Fazia já uma semana que Jacira havia falecido, devido a um acidente de carro em que viajava. E Chiquinho ficara sem mamãe, assim, de repente, sem mais aquela.

- Por quê? Perguntou Chiquinho ao pai – Por que Deus levou minha mãe para o Céu, com Ele? Por quê? Ele não precisa de nenhuma mãe para Ele, nem de quem ajude nas costuras, porque lá não tem Carnaval.

Mestre André acarinhava a carapinha do filho querido, abraçava-o junto ao peito e os olhos deixavam rolar as lágrima de dor.

- Deus sabe o que faz, meu filho. Deus sabe o que faz.

Os dias correram e Chiquinho ficava cada vez mais jururu.

Enquanto isso Mestre André tentava escrever a letra do samba enredo, mas sem a “sua” Jacira, onde a inspiração?

Daí mais uns dias, quando após o trabalho foi buscar o filho para irem dormir, encontro-o tão descorado, com os olhos amarelos e meio embaciados.

- Alzira, o que é que tem nosso pretinho? – disse Mestre André preocupado.

- Eu não sei não. É a falta da mãe e para isto só o tempo pode curar.

Mestre André procurou conversar com o filho, mas Chiquinho parecia meio morto de tão triste.

- Leva o menino no Centro Espírita. Falou Antônia

E lá foi Mestre André com o Chiquinho.

Quando chegou a vez deles serem atendido uma senhora fê-lo sentar-se, tomando uma ficha com o nome e endereço, perguntou-lhe o que estava acontecendo.

- É o menino – disse Mestre André com a voz sumida – Está cada dia mais doente.

- Já levou ao médico?

- Já, mas não adiantou.

- Você está triste, não é meu filho? São saudades de sua mãe, não é mesmo? – falou a senhora para Chiquinho, com um sorriso bondoso.

O homem sentiu o coração disparar e um arrepio na espinha. Como é que a mulher sabia? Mas ficou mudo. Não sabia o que dizer.

- Sabe “seu” André. Sua esposa era muito carinhosa e ela e o menino estão muito apegados um com o outro.

- E não haveria de ser? – perguntou o pai com um nó na garganta.

- Mas nós vamos ajudar vocês, com o auxílio de Deus e de seus Divinos mensageiros. O senhor precisará vir à noite na reunião das quintas-feiras, para receber tratamento espiritual e seu menino, às quartas-feiras à tarde.

A senhora que se chamava Marisa, conversou ainda explicando que a doença era espiritual e que com passes ele ficaria bom.

Mestre André não entendeu muito bem, mas começou a freqüentar o Centro. As pessoas eram boas, conversavam com ele e começou a aprender.

Aprendeu que a vida não termina na morte. Aliás ninguém morre, e sim desencarna, isto é, perde-se o corpo de carne, mas o espírito continua. Entendeu que “sua” Jacira estava viva e com muita saudade, mas que um dia se encontrariam novamente.

Aos poucos Chiquinho começou a melhorar. Já brincava com os irmãos de Rosa, já era outro.

Freqüentava as aulas de evangelização e aprendeu que tinha um espírito que o guiava. Sabia que não estava sozinho. Todas as noites orava assim: “Querido Mestre, doce Jesus, guia meus passos em tua luz, eterno amigo da perfeição, guarda contigo meu coração!

Depois dizia:

- Jesus, olha por minha mãe, meu pai, por mim e por todo mundo. Deixe eu esta com ela um pouquinho agora que vou dormir? E para matar a saudade, Jesus!

E Chiquinho e Jacira se viam e se abraçavam e contavam suas vidinhas um para o outro, passeando à noite em espírito, pelo Hospital e pela cidade onde Jacira fora recolhida.

- Fui eu que transmiti e passei minha tristeza a você, de saudade, meu filho, mas agora que sei que sempre podermos estar juntos, quero ajudar você, seu papai, e Rosa, que logo vai ser sua mãe, em meu lugar. Ela ainda não sabe, mas nós vamos dar um jeito – dizia Jacira sorrindo.

A alegria voltou devagar ao coração de Mestre André e ele pôde compor seu samba enredo. Todos estavam com muita esperança.

No Centro Espírita ele aprendeu que isto de ser preto ou branco, índio ou amarelo não é importante. O que vale mesmo é ter Jesus no coração. Houve até uma pessoa que dissera que samba era coisa de gente ruim, mas D. Marisa lhe informara que muitos sambistas que haviam desencarnado, estavam voltando, escrevendo sambas espirituais. Aprendeu que vivemos muitas vidas e que, se Jacira tinha ido para o lado de lá antes, é que chegara a vez dela partir.

Afinal depois de muita trabalhadeira, chegou o Carnaval.

Mestre André tinha um pensamento: Se ganharmos o prêmio o que faremos e ele pensava: - Nós não podemos deixar as crianças do morro jogadas na rua, ou com qualquer um, quando as mães estão fora trabalhando, ou quando elas morrem, ou melhor, desencarnam, como a minha Jacira.

Mestre André queria fazer uma creche para a favela e já tinha conversado muito sobre isto com seus novos amigos do Centro Espírita.

Afinal o dia da decisão chegou!

E Mestre André ganhou o prêmio de melhor Samba enredo

A alegria foi geral! Todo mundo ria feliz! Aí a comissão da Escola se reuniu para ver o que se faria com o dinheiro.

- Aplicar em mais carro alegóricos no ano que vem
- Aplicar em fantasias
- Aumentar o galpão da escola.

Depois que todo mundo falou, Mestre André apresentou sua sugestão:

- Uma creche, com o pessoal da favela trabalhando nela na cozinha, como bedel, como professora, como diretora, como assistente, como secretária, como faxineira, etc. Emprego para muita gente boa, que estava precisando trabalhar, e lugar para as crianças.

Muita gente não queria. O que eles pensavam era no Carnaval do ano seguinte, mas Mestre André pensava nas crianças da favela, que estavam largadas por aí, aprendendo com os malandros a pedir esmolas ou a roubar. Adiaram a discussão.

De noite, Chiquinho contou para o espírito de sua mãe o que estava acontecendo.

- É assim mesmo, meu filho. As boas idéias são difíceis de entrar na cabeça dura dos homens, mas vamos ajudar. – E Jacira mostrou ao pequeno um vulto que vinha ao encontro deles. Era Rosa, muito bonita, com aquela roupa de porta-estandarte.

As duas se abraçaram e ficaram conversando, fazendo planos.

No outro dia, quando Rosa acordou tinha tomado uma resolução.

Correu e foi dar seu apoio a Mestre André. Depois vieram Alzira, Antonia, Adelaide e Felícia. E assim todas as mulheres da escola. Quando os homens viram as mulheres apoiando e pedindo a creche, não houve mais como discordar.

Logo começou um mutirão a trabalhar no antigo galpão da Escola. O prédio era branquinho com as janelas azuis, tendo no pátio balanços feitos com rodas de pneu, dadas pelo Tião, borracheiro do grupo, e mil outras diversões. Foi inaugurada com festa e rojão, discurso e música na tarde cheia de sol.

E qual foi o nome da creche?

“Creche Espírita Jacira Gomes da Silva.”

- Por que não haveria de ser?- perguntou Mestre André.

E no final daquele mesmo ano Rose se tornava a mãe oficial de Chiquinho, sob as bênçãos de Jesus, e com muita alegria de Jacira, que era agora não apenas a mãe do Chiquinho, mas mãezinha espiritual de todas as crianças da Creche.

Joãozinho: puxa Zeca que estória bacana.

3. texto e caça-palavras

Carnaval "nasceu" muito longe do Brasil

O **Carnaval** é uma grande festa que toma conta do Brasil durante quatro dias - época em que as pessoas aproveitam para usar **máscaras**, enfeites bem coloridos, plumas, paetês, muita maquiagem e roupas extravagantes que não usariam no dia-a-dia. Brincar Carnaval é **costume** tão antigo que nem é possível definir quando surgiu. Na verdade, ele é uma mistura de costumes de muitos povos.

O princípio do Carnaval pode estar nas **celebrações** dos povos da **Antiguidade** (Grécia, Roma, Egito). Depois, a festa ganhou força na **Europa** (principalmente na Itália, na cidade de Veneza) e veio para o **Brasil** com os colonizadores. Aqui, a folia cresceu, se misturou à cultura dos escravos vindos da África e tornou-se a maior festa popular do País e, certamente, uma das maiores do mundo.

O costume de usar **fantasias** também vem de muito longe. Os povos antigos usavam máscaras e enfeites nas festas em homenagem **adeuses**. Na Europa, tornaram-se comuns os bailes de máscaras, onde todos os convidados tinham o rosto coberto. No Brasil, a elite também organizou bailes de máscaras e o povo levou a festa para as ruas, com blocos, sociedades carnavalescas e depois, escolas de samba com suas fantasias

luxuosas e decorações exuberantes.

Ação altamente meritória seria a de empregar todas as verbas consumidas em semelhantes festejos, na **assistência social** dos necessitados de um pão e de um carinho.

Ao lado dos mascarados **da pseudo-alegria** passam os leprosos, os cegos, as crianças abandonadas, as mães **afritas** e sofredoras. Por que protelar essa ação necessária das forças conjuntas dos que se preocupam com os problemas nobres da **vida**, a fim de que se transforme o supérfluo na migalha abençoada de pão e de carinho que será a esperança dos que choram e sofrem? Que os nossos **espíritos** compreendam semelhantes objetivos de nossas despretentiosas opiniões, colaborando conosco, dentro das suas possibilidades, para que possamos reconstruir e reedificar os costumes para o bem de todas as almas.

É incontestável que a sociedade pode, com o **livre-arbítrio coletivo**,exibir superfluidades e luxos nababescos, mas, enquanto houver um mendigo abandonado junto de seu fastígio e de sua grandeza, ela só poderá fornecer com isso um eloqüente atestado de sua **miséria moral**.

C	L	I	B	R	E	A	R	B	I	T	R	I	O	C	O	L	E	T	I	V	O
A	U	T	D	R	M	A	S	C	A	R	A	S	L	H	R	E	R	G	V	D	F
R	F	S	V	C	A	D	F	S	E	O	Ç	A	R	B	E	L	E	C	C	E	W
N	A	B	M	I	S	E	R	I	A	M	O	R	A	L	R	S	U	O	S	S	P
A	N	T	I	G	U	I	D	A	D	E	Ç	F	R	R	D	S	R	S	D	P	N
V	T	L	H	R	E	R	G	V	E	E	L	W	G	V	A	P	O	T	C	I	O
A	A	F	L	I	T	A	S	B	U	R	T	P	V	A	E	S	P	U	Ç	R	M
L	S	V	C	A	D	B	R	A	S	I	L	N	C	K	G	N	A	M	U	I	A
R	I	H	R	J	H	F	H	R	E	L	M	O	S	V	U	A	K	E	M	T	D
F	A	Y	H	W	Q	V	C	P	S	E	U	D	O	A	L	E	G	R	I	A	I
A	S	S	I	S	T	E	N	C	I	A	S	O	C	I	A	L	K	G	D	S	V

4. Criptograma

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	X	Z
7	9	21	12	22	6	5	17	3	11	2	4	26	25	20	15	14	1	10	19	16	18	13	23

19	16	12	20		26	22		22		15	22	1	26	3	19	3	12	20	

26

7

10

25

22

26

19

16

12

20

26

22

21

20

25

18

22

26

(os textos 2 e 3 e a atividade 3 nos chegaram sem menção de autoria ou fonte. Se souber qual seja, por favor, nos informe, a fim de darmos os devidos créditos)